

2006

# ANTOLOGIA



Nº 4

**AS VOZES**

## Ficção

De quem é essa voz que vem da esquina da esquina do vento da esquina do mar e chama Clementina e chama Nicolau?

Nasceu Nicolau, com nome de rei, filho de europeus. Cresceu. Conheceu Clementina, com nome de rainha e como ele filha de estrangeiros. Casaram, num dia bonito, dia sem vento. O mar estava azul, o céu estava azul, a felicidade rosa.

Clementina, na casa, lavava roupa, cozinhava batata, cozinhava repolho e ensopado de carne.

Nicolau carpinteiro, batia martelo, batia, batia e casas construía. A tarde tomava a lancha e ia pro mar.

Clementina cozinhava batata, cozinhava repolho e ensopado de carne. Depois de tudo pronto ia para o alto do rochedo chamar Nicolau:

- Hah! Nhiiiiii.... colai...

- Hah! Nhiiiiii.... colai...

O vento que passava levava sua voz até as vagas e as vagas, uma a uma, levavam até Nicolau.

Nicolau voltava, jantavam batata, repolho e ensopado de carne. Liam a bíblia, iam deitar e se amavam. No dia seguinte tudo se repetia.

Passaram dias, passaram meses e anos. Uma bela noite Nicolau não voltou. Clementina chamou, chamou:

- Hah! Nhiiiiii... colai...

- Hah! Nhiiiiii... colai...

O vento passava e levava sua voz até as vagas e as vagas, uma a uma, levavam pelo vazio do mar. Caminhou pela praia chamando, chamando. Subiu aos rochedos: Hah! Nhiiiiii...colai... Hah! Nhiiiiii...colai... O vento uivava e só o seu eco respondia: Hah! Nhiiiiii...colai...colai...colai...



As ondas batiam loucas, nos rochedos e Clementina chamando: Hah! Nhiiii...colai...

Chamou dias, semanas, meses.

De quem é essa voz  
que vem da esquina da esquina do  
vento da esquina do maré chama  
Nicolau?

Lua cheia. O mar, roncava. O mar com seus mistérios roncava. O vento uivava. O vento com seus mistérios uivava. E como um lamento a voz da mulher chamava

- Hah!

Nhiiii...colai... -

Hah! Nhiiii...colai...

E quando mais altas as vagas arrebetavam contra os rochedos, da voz do vento, da voz das vagas, uma voz chamou: Clementiiii...naaaa... Clementiiii...naaaa... Alegrementemente ela respondeu: Já vou Nicolai Já vou indo...

Que vozes são essas que o vento traz  
do mar e chamam Clementina e  
chamam Nicolau?

No fogão aceso queimou, a batata, queimou o repolho, virou tudo carvão. Tudo.

Ainda hoje nas noites de lua cheia, quando o mar acorda fantasmas, quando o gemido, das ondas impetuosas se espatifam contra o rochedo e o vento uiva arrepiando os penhascos, arrepiando quem ouve, há vozes que chamam: Hah! Nhiiii...colai... e outras embaladas nas vagas chamam: Clementiiii...naaaa...

Depois que a noite passa, as vagas, na calmaria, ainda repetem: thiiii ...nathiiii...na lai lai...lai lai... thi.na.

De quem são essas vozes que no bailado das vagas que do farfalhar do tempo chamam por Nicolau chamam por Clementina num eterno lamento?

## A MÃE DE CADA UM

Oito de maio. Dia das Mães. Dia da minha mãe. Dia da sua mãe. Dia da mãe que for é o dia mais lindo do ano. É o dia em que a Mãe de Jesus, reúne os anjos do céu para que colham flores, para que recolham caquinhos do Arco-íris e, através das janelas das estrelas, derramem na Terra sobre as mães.

Mãe é tudo, é luz, é vida, é  
sonho, é doce regaço, é  
proteção e guarida e o mais  
carinhoso abraço.

Dizem que quando a Terra foi criada, os filhos da Vida vinham de outros mundos pela estrada humana caminhando sem rumo. Vinham pelos campos fecundos olhando o nada.. Foi então que um mensageiro das alturas disse humildemente a Deus: Senhor! Os filhos da Vida que surgem a esmo precisam de alguém para amá-los. Deus pensou por algum tempo e, comovido, respondeu: Sim, os filhos precisam de alguém que os ame como eu os amo, pois somente com o amor combateremos a violência, a cobiça e a maldade, com a Minha Justiça. Alguém que ame a Paz, sem desprezo a ninguém. Alguém que saiba amar a ponto de servir e sofrer sorrindo, cultivando o perdão como simples dever. E para diferença-la das demais mulheres escolheu um nome pequenino. Um nome que em cada letra traduzisse tudo o que Ele queria para seus filhos amados. Batizou-a, pois de "Mãe"!

E foi assim que a mulher, correspondendo aos desígnios de Deus, concebeu sorrindo, entre dores. E, desde esse tempo podemos ver o pão-do-amor sendo dividido em partes iguais. Podemos ver flores e entre elas fraldinhas brancas, ao vento, nos varais. E foi assim que podemos ver crianças sendo amamentadas. Crianças com risos de infância, crescendo, tornando-se adultas, sempre unidas, abraçadas e ninadas pelos braços quentinhos de uma mulher MÃE. E foi assim que ao longo do tempo surgiram aldeias, surgiram cidades. A vegetação se resplende, se espalha, cresce dando alimento a todos. E foi assim que hoje temos Mãe. A nossa Mãe. A minha Mãe. A sua Mãe. A Mãe de cada um. A Mãe de quem for. Graças a Deus podemos dizer que temos MÃE!



## O CAPIVARA

### Ficção

Na rua que passava em frente à casa de Bárbara e Leticia, seguindo, passando em frente à casa das meninas "A": Aricrê, Adele, Anadir, e Almenaide; e subindo em direção à colina, ficava a casa do Capivara. Uma casa de alvenaria, antiga e espaçosa; um casarão da época do império.

Capivara tinha esse apelido porque tomava um fortificante chamado "capivarol". Ele era tísico, passara dos trinta anos, era alto, magro; de uma magreza cadavérica. Tinha o rosto pálido e as mãos esqueléticas e também pálidas. Não trabalhava, devido a doença, e usava um surrado terno preto e uma gravata que também um dia fora preta e agora não passava de uma tira de pano desbotado e puído. Vivia sentado à janela observando os poucos passantes. Saía de casa aos domingos para ir à missa, acompanhado das duas irmãs, Dejanira e Candoca e levava sempre seu guarda-chuva preto, também desbotado como ele todo, bem enroladinho e preso na presilha, pendurado no braço. Saía também uma vez por mês para ir à farmácia comprar dois vidros, dos grandes, de capivarol, com que procurava debelar a doença que o estava minando. Sempre com o guarda-chuva.

Aos domingos, quando a missa terminava, o Capivara procurava misturar-se ao grosso do povo e principalmente entre as moças filhas-de-Maria, para beliscá-las. Beliscava-lhes os braços, as costas e até outras partes menos narráveis. Se espremia, empurrava mas conseguia chegar no meio das moças, para vergonha das irmãs que fingiam nada ver, nada saber. As moças então fugiam dele como o Diabo da cruz.

Um dia, não sei se por querer ou não, beliscou as nádegas da senhora Guiomar, linda, pequenina e meio cheinha, Guiomar era casada e usava uma inseparável e grande bolsa, um verdadeiro supermercado. Ela virou-se e deu tamanha bolsada na cara do Capivara que ele, fraco e doente, teria caído não fosse seguro pelos demais. Mesmo assim não deixava o costume de beliscar moças.

As irmãs, Dejanira e Candoca eram costureiras e bordadeiras. Também balzaquianas, se matavam nas máquinas de bordar e costurar. Dejanira costurava e Candoca arrematava e bordava e assim sustentavam a casa, herdada dos pais, e arcavam



com as despesas do tratamento do irmão.

Certa manhã quando Dejanira varria a casa encontrou um enorme sapo verde embaixo da cadeira do Capivara. Chamou Candoca e as duas ficaram muito assustadas pensando que se tratava de feitiçaria, pois não havia banhado perto, a casa ficava no alto, num lugar seco. Varreram o sapo para a rua e bem longe da casa. No outro dia<sup>^</sup> de manhã o sapo estava no mesmo lugar, embaixo da cadeira do capivara. Isso durou vários dias, varrido o sapo, ninguém sabia por onde e a que horas ele entrava na casa. Tudo era bem fechado.

Quando a mãe das meninas "A" foi até lá buscar umas roupas que mandara costurar e ficou sabendo da história do sapo disse a Dejanira que aquilo não era feitiço não! Era mau agouro. Que cuidassem do irmão, cuidassem bem, pois o agouro por certo dizia respeito a ele, já que o sapo procurava a sua cadeira. E isso não era nada bom. Era preciso desfazer-se do sapo.

No dia seguinte,, bem cedo, a mãe das meninas "A", dona Aurélia, foi a casa de Dejanira e, ajudadas por Candoca, varreram o sapo para dentro de uma caixa de papelão e a própria dona Aurélia levou o sapo até o banhado no final da rua que passava em frente a casa da Etelvina, a dos piolhos, e lá despejou o sapo que, então, não voltou mais para a casa do Capivara.

Estavam no início do outono, época em que os problemas da tuberculose crônica de Capivara se agravavam. Ele estava mais fraco, mais tremulo e mais pálido que nunca e mal conseguia falar. A tosse seca o incomodava dia e noite. Tinha febre todas as tardes e sua testa estava permanentemente úmida, de suor frio e pegajoso.

Acabara o remédio. Era hora de alguém ir a farmácia comprar outros vidros. Dejanira e Candoca mostraram-se dispostas a ir mas o Capivara insistia que uma caminhadinha só lhe faria bem. Caminhando em direção à farmácia notou que o casarão do falecido Sr. Trajano estava aberto e com roupas no varal. É que na semana anterior chegara à cidade uma família vinda da capital à procura de melhor clima para uma das filhas do velho casal, a Gertrudes, carinhosamente chamada de "Tudinha".

Capivara que' saíra com a intenção de, em lugar do remédio, comprar uma arma e dar cabo da triste vida, parou e ficou a olhar, curiosamente, a casa aberta. Espichava seu pescocinho fino na tentativa de ver alguma

coisa. Comprou o remédio e voltou para casa deixando a idéia da arma para outro dia.

Tudinha já quase nos quarenta, sofria de tuberculose crônica e assim que chegou logo se filiou a irmandade das filhas-de-Maria, com recomendação da antiga paróquia.

Certo domingo cinzento à saída da missa, caía um chuvisco frio, fazendo com que o povo se aglomerasse no átrio, na indecisão de se molhar ou aguardar na igreja até a chuva parar. O capivara como sempre, conseguiu se misturar à confusão de fiéis e filhas-de-Maria e sem querer beliscou as “pelancas” de Tudinha. Vendo o engano se desmanchou em desculpas, mas Tudinha toda risonha virou-se dizendo que não foi nada e sem demora, carinhosamente, beliscou a barriga e logo depois as bochechas do Capivara

A partir daí os dois começaram um namoro entre risinhos e beliscões; no “ai Jesus” daqui e “ai Jesus” dali, noivaram e casaram.

Coitadas das irmãs Dejanira e Candoca que agora tem que trabalhar muito mais, pois a cada mês são quatro vidros, dos grandes, de capivarol. E enquanto nas missas a Tudinha fica toda encolhidinha e dengosa pendurada no braço esquerdo do marido, ele com a mão direita continua beliscando as moças.



**Academia de Letras dos Campos Gerais**

**Rua XV de Novembro, 512 - sala 01 - CEP 84040-120**

**Ponta Grossa - Paraná - Brasil**